

PORTO ALEGRE, 20 DE FEVEREIRO DE 1881

REVISTA LITTERARIA

PUBLICAÇÃO LITTERARIA, CRITICA E INSTRUCTIVA

CHEFE DA REDACÇÃO: AURELIO DE BITTENCOURT

COLLABORAÇÃO DE DIVERSOS

Anno I

ASSIGNATURA

Num. 3

PARA A CAPITAL: Trimestre 2\$500—PARA FÔRA DA CAPITAL: Anno 10\$000

Dr. FLORES FILHO

Na manhã de terça-feira ultima acordou a cidade com a desoladora noticia de haver fallecido o Dr. Luiz da Silva Flores Filho, que poucos dias antes cahira gravemente enfermo.

O sentimento espalhou-se por todos os circulos, e não houve, entre amigos e indifferentes, quem não pranteasse a morte prematura do medico illustre e cidadão prestimoso.

Em palavras cheias de justiça ja assignalou a imprensa diaria os valiosos titulos de benemerencia do desditoso moço, que partio tão cedo deste mundo.

Nada tendo que acrescentar ao que foi dito, e associando-se ao luto da familia e dos amigos do distincto medico, a *Revista* paga nestas simples linhas o devido tributo á memoria daquelle que se impoz á geral estima pelo seu desinteresse e outras elevadissimas virtudes.

O TISICO

Eu sinto aqui, Maria, a morte lenta,
Que de mim vai levando a vida aos poucos.
Ah! não penses, Maria, que isto é febre
Ou que tenho as visões dos pobres loucos...

Eu vejo-a a lacerar-me o triste peito
Em que vive o amor que m'inspiraste:
Vai quebrar-se, Maria, o fragil vaso
Em que viceja a flor que tu plantaste.

A voz ja não me sahe sonora e clara...
E' cavo o som, sinistro como o dobre
Do longe campanario que lamenta
A fronte que da morte o manto cobre.

Ja me falta a força p'ra dizer-te
Em longas confidencias o que sinto;
Depois de curtas phrases que me exhaurem,
A' boca levo o lenço... e tiro-o tinto...

Não podem ja os braços apertar-te,
Qualquer esforço á morte me aproxima:
Ai! Maria, é sorte... é sorte amara,
E' destino cruel que vem de cima.

A voz me vai faltando; a vista escura
Vai se tornando, é tremula s'esvai;
Dobra-se o corpo; o peito estala e geme,
E o sangue borbotando oppõe-se a um ai.

INIGO.

Porto Alegre — 1881.

UM CONTO DO GUETTO

— NÃO PODER MORRER —

Era noite; o silencio era profundo; de repente o *Schamasch* (sachristão) julgou ouvir o martello de pao com que chamava pela manhã e á noite os fieis a synagoga, oscillar levemente para cima e para baixo.

— O martello não me deixa dormir, disse elle á filha, que tambem ouvia aquellas pancadas ligeiras e estranhas.

— E' alguém que está a morrer na nossa rua, disse ella estremeendo; e immediatamente cheia de terror começou a rezar em voz alta: «*Schemab Israel* (ouve Israel)! é o rabino que está a morrer.»

Naquelle mesmo instante o martello deixou de bater; mas ouviu-se alguém que batia á janella do lado de fóra, gritando:

— Levantem-se e batão ás portas para chamar gente á synagoga; é necessario rezar psalmos, que o rabino está á morte.

E então, no meio da noite silenciosa, ouvia-se bater a todas as portas as tres pancadas sabidas do martello.

A filha do *Schamasch* estremeia até ao fundo da alma cada vez que ouvia o pai bater ás portas das casas.

E quando a ultima pancada dada na ultima porta lhe tinha acabado de reboar aos ouvidos, disse:

— Foi agora que o rabino deu o derradeiro suspiro.

E não pôde deixar de verter lagrimas ardentes.

A recitação dos psalmos sustinha a alma do rabino prestes a abalar, e as sombras da morte não se tinham ainda desvanecido á roda delle.

Pela manhã sentio-se peor e então os discipulos começaram a lamentar em altas vozes.

Forão buscar um grande pedaço de cera e um pavio, medirão a estatura do doente, e fizerão com o modelo um cirio gigantesco.

Cobrirão o cirio com uma mortalha, e levarão-no para o cemiterio, onde o enterrarão ao lado dos mortos.

Apezar d'isso tiverão que servir-se da mesma medida do corpo do rabino para fazerem as seis taboas do caixão.

— Deus! Deus poderoso! exclamarão os discipulos, o que havemes de fazer para que o rabino não morra?

— Vamos reunir annos para elle, respondeu um delles, talvez Deus nos ouça.

Um dos discipulos foi-se de casa em casa, com um papel na mão, no qual cada um inscrevia o numero de annos, semanas ou dias que dava da sua propria vida para o rabino moribundo.

A filha do *Schamasch* estava justamente á porta na occasião em que o discipulo passava com o papel.

— E tu, disse elle, dirigindo-se a ella, não darás nada para o rabino?

— Dou-lhe a minha vida, a minha vida toda, disse ella soluçando.

— Escrevo o que acabas de dizer?

— Escreva! escreva!

O discipulo, então, inscreveu a vida de Annelé.

Logo no mesmo instante o rabino melhorou, e no dia seguinte enterrava-se o cadaver de uma joven no cemiterio.

Era a filha do *Schamasch*.

A joven tinha hesitado tão pouco em ir fazer companhia aos mortos, quanto o rabino tinha repugnancia em fazer desaparecer o seu nome do livro dos vivos.

Nos primeiros dias de convalescença o rabino andava alegre e bem disposto; recuperou um vigor extraordinario.

Depois tornou-se triste e pallido.

Ninguém sabia a que attribuir o mal.

Effectivamente ninguém sabia que pela noite adiante, quando o rabino estava assentado estudando a *Guémará* aberta diante delle, ouvia-se, em baixo, no pateo, um canto subtil; e que cada vez que o rabino abria a janella, apercebia de frente delle uma joven bonita, cujo sorriso gelado pela morte, elle via brilhar até cima, por entre o véo das trevas.

— Agora, pensava então o rabino, podia ella estar livre e cantar como os passaros no ar.

E no silencio da noite, regava com as suas lagrimas as grossas paginas da *Guemará*.

Uma vez, por volta da meia noite, lamentosos gritos de angustia soarão a roda da casa; erão sons estranhos como os que são arrancados pela dôr.

Pouco depois ouviu os vagidos de uma creança recém-nascida.

— Oh desgraça! exclamou o rabino, fui eu que a despojei dessa alegria.

E todas as noites, desde então, começou a ouvir os mesmos vagidos entremeados das cantigas com que as mãis embalão as creanças; e estes cantos arrancavão-lhes lagrimas do fundo do coração.

Os gritos de dor repetirão-se seis vezes; depois, de cada vez, vinha a creança recém-nascida, e no fim aquellas arrebatadoras cantilenas infantis.

Logo depois d'isto um grande silencio.

Outra vez ainda, ouviu-se soar um canto alegre e jubiloso e o rabino disse :

— Agora é o primeiro filho que festeja a iniciação religiosa, e fui eu que a despojei dessa alegria.

O silencio restabeleceu-se novamente.

Alguns annos depois, soarão outra vez os cantos de jubilo e o rabino disse :

— Agora conduz ella a filha ao thalamo nupcial; oh desgraça ! desgraça ! essa satisfação arrebatei-lh'a eu.

Cada vez que ouvia a voz, não era ja nem lamentando, nem chorando, mas sempre em cantos deliciosos e suaves, e o rabino dizia :

— Teria sido uma mãe feliz, e fui eu que destrui a sua felicidade.

Foi assim que o rabino viveu toda a vida da joven.

Teria dado muito para ouvir, uma vez so que fosse, em vez daquellas deliciosas melodias, algumas queixas amargas; por essa fórma, ficaria certo que lhe caberia conhecer a desgraça neste mundo; mas o seu desejo não se cumpriu, e o rabino vertendo lagrimas sobre a *Guémárá*, dizia :

— Pois que ! é possível que tivesse de ser feliz a um ponto destes !

Então desejava morrer, consumir-se; aquelle canto fatigava-lhe a vida.

Todavia, não podia morrer.

Estava velho e decrepito; todos os coreligionarios tinham descido á cova antes d'elle; as proprias crianças, que na infancia elle tinha abençoado, vio-as depois encostadas ás muletas, velhas, tristes e caducas, zombarem da morte em vão, e morrerem.

Mas elle não podia morrer.

— Quando chegará esse momento, mulher ? perguntava elle muitas vezes; quanto tempo queres tu viver ainda ?

Então ouviu-se uma vez, pela volta da meia noite, soar no fundo do pateo um lamento semelhante ao de um moribundo.

— Agora, morreu, disse o rabino; Deus seja louvado para todo sempre !

No dia seguinte, ao romper da manhã, os *bochrim* (madrugadores) forão dar com elle, sem vida, com a cabeça deitada sobre a *Guémárá*.

LEOPOLDO KOMPERT.

A' minha noiva



Ja cinco annos decorridos são
Que vivo preso n'um cruel soffrer :
Pallida virgem, se tambem tu soffres,
Não penses nunca desse amor descer !

O' que feliz eu me julguei outr'ora,
Quando teus labios murmurarão: — sim...
Depois intrigas e calumnias torpes,
So procuravão te affastar de mim !

Algumas vezes de lutar cansado
Contra os revezes d'uma sorte infausta
De teu amor eu duvidei, meu anjo,
Sentindo a vida de esperança exhausta.

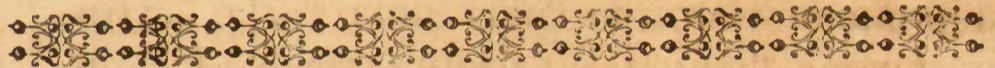
Hoje convicto desse amor tão santo,
Que no teu peito se alimenta ainda,
Esse martyrio, esse soffrer constante
Creio que breve, muito breve finda.

Se duvidei de teu amor, donzella,
Ai ! dominava-me o delyrio então !
Perdoa, pois, a quem constante espera
Possuir bem cedo tua almejada mão.

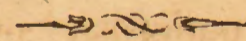
O amor é puro, é sentimento nobre,
Que impera sempre sobre a vil traição !
E nhora o sopro da maldade queira
Os lyrios d'alma desfolhar no chão.

J. FREITAS.

20 de Fevereiro.



A Carta e o Coração



(De Alexandre Dumas)

Ja meditaste, leitor, algumas vezes sobre o conteúdo de uma carta que não podes abrir, sobre esse bocado de papel dobrado em quatro, e que transporta de um ponto a outro do globo, a alegria, a tristeza e a esperança, conservando-se mudo para aquelle por cujas mãos passa antes de chegar ao seu destino ?

Ja apreciaste o beneficio d'uma carta ?

Ja disseste contigo mesmo: — Uma carta é a approximação rapida das maiores distancias, é a invisivel cadêa que une os mundos entre si, são duas mãos tocando uma na outra por cima das montanhas?

Uma carta póde ser encarada por dois modos: ou falla muito, ou é muda; encerra tudo e não diz nada; cheia de interesse e espirito, para aquelle ou aquella a quem é endereçada; absurda e inintelligivel para a terça parte daquelles que a lerão por qualquer incidente.

Pega em vinte cartas ao acaso, e lê-as: uma tratará sobre negocios; esta sobre uma provocação, aquella sobre um convite, etc., etc., e no emtanto, tinham a mesma physionomia antes de serem abertas, estavam dobradas do mesmo modo, e cobrião-se com a mesma mascara.

Não é por ventura o verdadeiro retrato da vida?

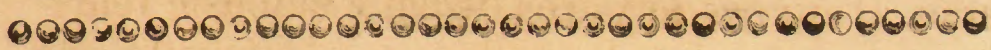
Quantas commoções differentes se não passam tambem nesse envoltorio a que chamão homem, e que é sempre o mesmo! nesse sello a que chamão coração, e que nunca varia!

E depois um dia, entregas ás chammas a carta que te causou maior commoção quando a recebeste, os seus caracteres torcem se alguns instantes sob o beijo mortal das mesmas chammas, e tudo acabou; não ficão nem cinzas desse passado que o fogo devorou.

O coração é o mesmo.

Abristel-o um dia com curiosidade, achaste um nome occulto nas suas orbitas, e foste feliz; depois desapareceu esse nome, e tornaste te indifferente.

Mas para destruir este nome não te foi preciso queimar o coração como uma carta; extinguiu-se por si mesmo, e a pagina escripta tornou-se uma pagina em branco, mas que talvez se desfizesse em pó se tentasse escrever-lhe alguma cousa.



UMA HYSTERICA



A EDUARDO MOREIRA MARQUES

Todas as tardes vejo-a tristemente
Recostada á janella, folheando
Um romance francez, ou indolente
Em cousas vagas languida scismando.

Horas inteiras fica contemplando
N'uma attitude morbida, doente,
Umas loucas visões que vão passando
A' fugitiva luz do sol poente.

E' delicada, anemica, franzina,
E sua tez amarellada e fina
Tem um suave *chic* de lyrismo.

Disse alguém que essa pallida Suzana
Alimentava uma paixão insana,
Mas sei que soffre ap nas de hysterismo.

LUCIO DE CASTRO.

Rio Grande—1881.



O PÉ DA MULHER



Tomo a penna e convido o leitor para uma digressão á esse mundo vasto que se chama — Mulher.

O terreno que vamos explorar hoje, depois de mais de sessenta seculos de descoberto e estudado, permanece tão desconhecido como no primeiro dia.

Bem sei que a excursão é perigosa, mas espero que della saia a luz.

Iniciemos a exploração pela iniciativa do terreno.

Estudemos o pé da mulher.

Não póde a mulher ser feia se tem o pé bonito; regra geral.

Pelo pé sahe a voz da alma: applicando um homem o ouvido áquelle, há de ouvir esta.

E podem crel-o: ha pés femininos tão eloquentes, que junto delles toda a loquella de Demosthenes, de Cicero e de Bossuet não passa de tagarellice de papagaio.

Nunca ouvi esses modelos de eloquencia, mas estou certo que não me fascinarião, nem me transtornarião o cerebro como a vista de um pé de mulher será capaz de fazel-o.

Si alguma vez me julgarem perdido, nem me vão procurar pendente de uns meigos olhos; preso de algumas cadeias de lindos cabellos; embasbacado diante de uns labios carmineos; ou acocorado nas covinhas de uma nivea face, a apreciar um signalzinho preto; não, ahi ninguem me achará.

Vão ver debaixo de algum pé mimoso, que eu ahí estarei com toda a certeza, certeza mathematica, que não falha.

Pessoas que se presumem de autorizadas pretendem que o pensamento da mulher revela se pelas mãos ou pelos olhos.

Aquelles que assim opinão, ou não dizem o que sentem ou não estudarão bem a questão.

Eu não contesto esta proposição *in limine*; concordo que ha pessoas que se fazem entender pela linguagem das mãos ou dos olhos; mas essas são as creaturas vulgares; as almas grandes, nobres e elevadas transmittem suas sensações... pelo pé.

Nem de outra fórma podia ser!

As mãos e os olhares estão demasiado ao alcance da vista de todos, e isto faz com que se avilte o que com elle se communica a tal ponto, que ja tem perdido a dignidade e o prestigio que devem caracterisar estes plenipotenciarios do amor.

O olhar affavel de uma mulher, qualquer o conclue; um terno e affectuoso aperto de mão alcança o qualquer, e isto faz que so as almas vulgares fallem por semelhantes meios.

O pé pela posição especial que o occupa, e que o envolve n'uma atmosphera cheia de mysterio, é o órgão mais proprio para exteriorisar os pensamentos e as acções de uma grande alma!

Ah! estou frio e com tentações de não continuar estas reflexões; porque, á força de cogitar nos pés da mulher, receio que os meus percão as estribeiras!

Quem é que transitando por um lugar em dia de concurrencia publica, não fica extatico e suspenso ao contemplar uma multidão de pés femininos, que apenas assomão a *cabeça* por entre ondas compactas de fôfos, rendas e babados, dextramente sollevadas por mãos encantadoras?

E' isto uma prova do conhecimento instinctivo que tem a mulher da superioridade do pé sobre a mão, quando esta é posta ao serviço d'aquelle.

Quem é que não sente tremores convulsivos em todo o corpo quando um pé mais traquinas em vez de mostrar so a *cabeça*, apresenta todo o corpo á admiracão do publico?

Se ha quem se conserve impassivel á vista d'isto diga, porque dá-me prova de que não tem coração.

Neste mundo ha muita gente que vive a sonhar com o desconhecido, o ideal, que soffre

dores mysteriosas, que gasta o tempo a fitar a patria das graças, que se alimenta de *brisas*; que é n'uma palavra — poeta; pois bem, qual é o que pretende os foros da divina inspiração sem confessar que o pé da mulher lhe forneceu idéa para a mais sublime de suas composições?

Aquelle que nunca bebeu idéas poeticas neste manancial de inspirações — alcanhe-se embora poeta: na minha opinião não merece as honras do titulo; preste-lhe grande obsequio chamando-o simplesmente prosador em verso.

Volto ao meu thema:

Uma mulher superior não se manifesta por meio da palavra, isto é, pelo mesmo systema com que exprime — cadeira, lençol, bacia, toucinho e quingombô; não se manifesta pelas mãos, isto é, pelo aparelho com que pega um garfo, e se coça; não se manifesta pelos olhos, isto é, pelos órgãos com que enxerga a lama, os persevejos e as baratas; exprime-se pelo pé, pelo pé que lhe faz manter a posição da frente erguida para o céu; pelo pé, com que ella calca o solo, denotando seu desprezo pela terra!

O pé suspenso no ar, que so interrompe sua immobilidade de quando em quando, que so toca no chão com a ponta da botina, indica que a mulher que o move pensa em seu amor.

Um pé que com o tacão da botina rufa no soalho, ao qual parece querer castigar por faltas de *outrem*, dá a perceber que la pelos altos trabalhos os zelos.

Um pé que se move languidamente traçando pequenos circulos bem mostra que sua dona está gosando prazeres ineffaveis.

Almas fortes, corações impassiveis, resistem a um olhar languido, a um terno e significativo aperto de mão; mas dou uma orelha se forem capazes de resistir a uma pisadella ainda mesmo dada por descuido.

Sustentem os physicos que todos os corpos pesão. O que os physicos dizem é embuste rematado. O mais pintado delles que submetta se á prova, expondo-se á pisadella de mulher, e diga-me onde vão parar as suas theorias.

Que de cousas não diz uma pisadella!

Ao homem afortunado que a recebe faz vislumbrar um Eden de delicias.

Ninguem venha dizer-me que o pé é a parte mais rasteira e prosaica da mulher, e que outras ha mais nobres e poeticas, porque a isto responderá alguma deixando ver, por *descuido*, um pé

mimoso, calçado de uma nitida botina branca, e ficaraõ convencidissimos do contrario.

Qualquer mulher sahirá á rua com o cabello mal penteado, ou com o vestido mal assente e mesmo com as mãos pouco asseadas; mas uma so não se atreve a sahir com o calçado que mal desenhe as fórmas graciosas do pé irresistivel!

E á fé, que fazem nisso muito bem; é que a mulher que sabe manejar opportunamente um pé, póde considerar-se...soberana.

A mulher por bonita que seja, se tem o pé feio, não póde ser inscripta no catalogo das grandes bellezas. Falta-lhe a ultima fórma do *chic*. E' uma nação poderosa sem peças raiadas e sem espingardas de agulha.

As indagações mais minuciosas da philosophia ainda não puderão determinar onde é a séde d'alma no corpo humano; pondo de parte o que se refere ao homem, posso affirmar sem receio de errar, que a alma da mulher existe no... pé.

Buffon disse: « o estylo é o homem »; eu peço licença para acrescentar — e o pé é a mulher.

Quando o Creador vio nos primeiros dias da formação do mundo que a sua obra predilecta tinha transgredido os preceitos que como Senhor Deus impuzera, ao fulminar o castigo que lhe ditava a severidade de sua justiça, depois de dirigir-se ao homem, á mulher, não disse á serpente, que queria que lhe dessem com um pao, que lhe acabarião ás dentadas; o Senhor Deus acabrunhou o demonio com uma ameaça terrivel:

— O pé de uma mulher te esmagará a cabeça.

Estas palavras revelão todo o prestigio, toda a força, todo o poder que tem — o pé da mulher!

ZERO.



IDA LINA

Ella tem o moreno de mu'ata
E os traços provocantes da Phriné!
O perfume do nardo nada é
Do seu corpo ante o odor que se desata.

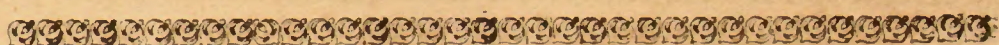
No olhar tem o languor qu'encanta e mata
Das creações divinas de Garret...
Tem o tom senhoril do altivo ipé...
— No rir as vibrações de pura prata!

Se falla — os passarinhos emudecem...
Caminha — é o balanço d'uma ondina...
(hora — e a lagrima gota chrystalina...

Quando ella passa as turbas estr mecem
E os zephiros que idylios entretecem
Dizem fugaces: — chama-se Idalina...

P. DE ASCYRO.

Porto Alegre—1881.



O BEIJA-FLOR



De todos os seres animados é sem duvida o beija-flor o mais elegante, tanto pela forma como pela magnificencia das cores.

Não ha termo de comparação entre elle e as pedras mais preciosas e os finos metaes polidos por nossa arte.

O beija-flor occupa o primeiro lugar no grande mundo de passaros, pela razão de que em si reune todos os dons divididos pelos outros passaros: ligeireza, rapidez, presteza e formosura.

A esmeralda, o rubim, o topazio, scintillão em suas macias pennas.

Nunca desce a manchar o seu esplendido mauto no po da terra.

Em sua vida, toda aerea, apenas oscula as flores.

E' nos paizes mais quentes do novo mundo que se encontrão todas as especies desta ave-sinha.

Os indios, admirados do brilho das cores do beija-flor, derão lhe o nome de *raios do sol*.

O bico é fino, e a lingua um tenue fio.

Os olhos, negros e vivos, semelhaõ dois pontos brilhantissimos — dois focos de luz.

As pennas são tão delicadas que parecem transparentes.

Os pés são pequenissimos.

Pousa somente para passar a noite.

O seu vôo é continuo e rapido.

A sua construcção é tão viva que, parado no ar, o beija-flor parece não somente immovel como tambem sem acção.

Pára durante instantes junto de uma flor e parte veloz como um raio, em busca de outra.

Procura todas as flores, mergulhando o bico longo e fino em seus seios perfumados.

Não apressa as suas inconstancias, senão para mais rapido seguir os seus amores e multiplicar os seus gosos.

Nada iguala á sua vivacidade, á sua coragem, á sua audacia.

Persegue muitas vezes passaros vinte vezes maiores, apega se-lhes, enterra-lhes o bico agudo, até que tenha satisfeito a sua colera.

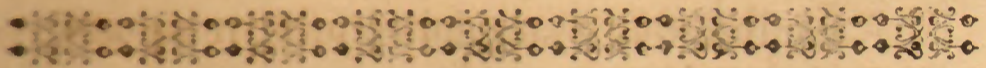
As vezes mesmo travão-se vivos e interessantissimos combates entre o beija-flor e outros passaros.

Si se chega a uma flor e acha-a fanada, arranca-lhe com furia as murchas petalas.

Não tem outra voz além de um gritosinho frequente e repetido. Fal-o ouvir nos bosques desde que os primeiros albores da aurora se desenhão no céu até que os primeiros raios do sol se derramão pela immensidade.

Então abandona o pouso da noite e vòa pelas campinas em demanda dos mais floridos e perfumados vergeis.

Z.



Historia em tres capitulos

III

O meu visinho ao presente

Isaias tem agora

Os seus bons quarenta annos.

E vê-se logo por fóra

— Nas rugas dos desenganos —

A tristeza que o devora.

Não é mais esse taful

Que brilhou annos atraz !

Dão-lhe uns ares de John Bull

O catimplorio que traz,

O frak de panno azul.

De quando em quando o bigode

Ainda torce, é verdade,

Um sorriso então lhe acode

A repuxar-lhe a metade

Da bocca que mais não pôde.

Vivendo d'um magro emprego,

Mas sem queixa do destino,

Fois bem sabe quanto é cego,

Bem fóra, se o deus menino

Lhe não tirasse o socego.

Eis aqui donde nasce essa tristeza,
Origem deste conto. O desgraçado
Da paixão sente a fibra em chamma acesa,
E por paga o desdem ! O' céos ! ó fado !

Infeliz ! Mas de veras nessa idade
E' que foste *pensar* em casamento !
Que fizeste da tua mocidade ?
Que fizeste, infeliz ! dize, jumento !

Olha, toma meu cons-lho :

Põe uma corda ao pescoço,

E despica-te, no velho,

Dos teus *descuidos* de moço.

* *

Digamos ao leitor, n'uma pennada,
Quem a dama cruel que assim desdenha
O fruto recolher do amor qu'inspira;
Tanto amor — que a ser cousa de vender-se,
Daria p'ra comprar um reino inteiro !
Uma criada é. — Uma criada !
Amar uma criada ! passa fóra !
— E pôde um coração descer a tanto ? !
A leitora dirá de espanto cheia.
Minha linda senhora, não se irrite,
Amor tem seus caprichos... quer e manda ..
Dispõe dos corações como elle entende.
Se lhe dá para armar destas rascadas,
O que havemos fazer ? fugir-lhe ? quando ?
Não somos seus escravos ? Queira elle,
E fará com que vós ameis um mono !
O mundo fallaria... sim, o mundo !
Mandarieis por certo o mundo a favas.

Tornemos a Joel .. Vivia o pobre
Isempto de paixões, contente mesmo,
Quando *misser* Cupido deu-lhe em cheio,
Ferindo-o de morte ! A flecha havia
Partido d'um olhar da criadinha,
Mandatária do deus e sua cumplice,
Tosta adrede a servir na casa em frente.
Isaias rendeu-se. Sentio subito
(Aquillo que até 'hi nunca sentira)
Sentio o coração como em pinotes,
A pular, a saltar, e em ancias taes,
Que julgou-se a principio hypertrophia...
Era amor ! A contar desse momento,
Ja o mesmo não é ! Aqui transcrevo
(Depois de a pôr em verso) uma cartinha
Por elle endereçada á sua amante,
E na qual se encarrega o pobre martyr
De pintar s u estado. Lede-a ! lede-a !
(As sandices la vão por conta d'elle)

« Vossa imagem seductora
 Quiz o céo que eu visse um dia
 Desde então, hora por hora,
 Cresce em mim a sympathia
 Que m'inspirastes, *Senhora*.

« Sois a luz que o pensamento
 Me illumina a todo o instante...
 Ah! mais sois o meu tormento!
 Pois so vos vejo distante...
 Pois so vos vejo um momento!

« Declarar-vos este affecto
 Será loucura? não sei...
 D'amor meu peito replecto,
Senhora, a quem o direi
 Para não ser indiscreto?

« Que ao menos meu pobre *canto*
 Vibre um echo em vosso peito,
 Para dizer-vos o quanto
 Meu sentir está sujeito
 Ao poder do vosso encanto.»

Cartinhas se seguirão. . cartas, digo,
 E não disse inda bem; digo, *cartonas*;
 São d'almaço papel folhas inteiras,
 Escriptas ponta á ponta! — pastelões
 Com recheios d'amor, *ais e suspiros!*
 Mas tudo inutil foi! resposta? *nicles!*
 Se é resposta esta injuria:

— Va dizer-lhe
 Que não 'stou p'ra atural-o... que me deixe!
 Que va... onde quizer! não seja tolo! —
 Nunca vio-se criada esquiva assim!
 Sobre esquiva, insolente! Eu t'arrenego!

Fevereiro - 81.

JUCA.



O ramo de violetas

O pequenino ramo de violetas
 Que deixaste cahir, eu apanhei-o:
 Poisou primeiro em tuas tranças pretas
 E depois entre os lyrios do teu seio.

Dona do meu amor, porque razão
 Um ramo que devera ser sagrado,
 Fôra hontem á noite condemnado
 A morrer sob os pés no po do chão?

Ferdoa se fiz mal .. eu amparei-o. .
 Nem sabes comô adoro as violetas
 Quando ellas vem de tuas tranças pretas
 Ou do arminho ondulante do teu seio ..

Como deixar no solo, abandonado,
 Um ramo que era teu? olha, uma vez
 Elle ia quasi sendo profanado
 Pelo tacão da bota de um burguez!

Fiz logo delle o meu prisioneiro
 Que me falla de ti constantemente.
 Inda conserva o primitivo cheiro
 Que trouxe de teu collo alvinitente.

LINS DE ALBUQUERQUE.



EXPEDIENTE

Ao *Cruz-Altense* agradecemos a remessa dos
 numeros publicados este anno.

Penhorados á sua delicadeza, resta-nos fazer
 votos pela prosperidade do distincto orgão de
 publicidade, que tem prestado á região serrana
 importantissimos serviços, advogando com ta-
 lento notavel todos os interesses que se prendem
 á grandeza daquella uberrima parte da provin-
 cia.

* *

A *Revista* começa a sua romagem com uma
 animadora circulação em diversos pontos da cam-
 panha.

Os prospectos vão chegando, e por felicidade
 um só não voltou em branco.

Cumprimos, pois, sagrado dever tributando
 sinceros agradecimentos aos amigos das differen-
 tes localidades da provincia, que nos coadjuvãõ
 com seu prestante apoio.

* *

Recebemos:

O *Conservador*, *Labaro*, *Typographo* e *Wor-*
warst, da capital.

A *Descentralição*, da Cruz-Alta.

A *Discussão de Pelotas*

O *Taquaryense*, de Taquary.

* *

Aos assignantes que acaso deixarão de receber
 algum numero deste periodico, rogamos o favor
 de reclamar-o na typ. do *Jornal do Commercio*.